

Poemário do desterro



Henrique Marques-Samyn

Henrique Marques-Samyn

Poemário do desterro

Henrique Marques-Samyn

Poemário do desterro

segunda edição,
revista e ampliada

“Claro que você é poeta, Henrique Marques. Mesmo. Poeta não é só o que faz verso. É ter o que você tem nos versos: sensibilidade, vocação, literariedade natural.”

Stella Leonardos,
em carta sobre o “Cancioneiro”



© Henrique Marques-Samyn
trovares@yahoo.com.br

Sobre o autor:

Henrique Marques-Samyn nasceu no Rio de Janeiro em 1980. Foi criado em Vila Isabel, terra de Noel Rosa. Mestre em Psicologia Social e Filosofia, tem ensaios e artigos publicados sobre literatura, artes plásticas e fotografia.

primeira edição (impressa): Verão 2005/2006
segunda edição (digital): Inverno 2008

Nem queiras saber como a vida do homem é cruel.

- Getúlio Marinho & Ubiratan da Silva,
“Apanhando papel”
(gravada em 1931 por Francisco Alves)

POEMÁRIO DO DESTERRO

I. POEMÁRIO DO DESTERRO

Memorial das ruínas, 9; Avenida Presidente Vargas, 10; A morena e a chuva, 11; Viagem noturna, 12; Marinês, 13; Mulata de branco, 14; Clementina, 15; Candelária, 16; Dama noturna, 17; As meninas, 18; As ninfas, 19; A dama da Lapa, 20; Cala-te, Ipanema!, 21; Chico Brito, 22; Pranto claro, 23; Poema do Canal do Jardim de Allah, 24; A pipa, 25; A dama da cidade, 26; Dentro da noite, 27; Lígia, 29; Júlia, 30; Na final de 50, 31; Abelardo, 32; Dona Sabrina do Oriente, 33; Sete cravos atirei, 34.

II. UMA HISTÓRIA DO CARNAVAL

A volta da Colombina, 39; Confissão do Pierrô, 40; Lamento da Colombina, 41; O abre-alas, 42; O canto do Arlequim, 43; Na calçada, o Pierrô colheu a rosa..., 44 ; Na mansão do Estácio, 45; Pastorinhas, 46; A Pierrete, 47; A Pierrete (II), 48; Dominó, 49; O lamento do Pierrô, 50; O carnaval das meninas, 51; A odalisca morreu em meio à chuva, 52; Balada do bate bola, 53; Canto à Colombina, 55; Canção de amor da Colombina, 56; O pranto do Pierrô, 57; A morte do Pierrô, 58; Quarta-feira de Cinzas, 59.

III. TRÊS CANTOS DE AMOR

Primeiro canto de amor, 63; Segundo canto de amor, 64; Terceiro canto de amor, 65.

IV. CANCIONEIRO

Cantiga de amigo I, 69; Cantiga de amigo II, 70; Cantiga de amigo III, 71; Cantiga de amigo IV, 72; Cantiga de amigo V, 73; Cantiga de amigo VI, 74; Cantiga de amigo VII, 75; Cantiga do amor maior, 76; Três barcarolas, 77; Cantiguinhas da amiga, 80.

NOVOS POEMAS (2006-2007)

As três moças da praia, 83; O ledor de estrelas, 86; O rosto de Rosalía, 88; A que a alma me cativa..., 89; A sílfide (e o malandro), 90; Na morte de Marina Montini, 92; Ao general da banda, 93; Acróstico, 94; Descrição da rosa, 95; Canto para García Lorca, 96.

ALGUNS COMENTÁRIOS

Seleção de comentários, 101.

I.
Poemário do desterro

MEMORIAL DAS RUÍNAS

Sepultadas sob o asfalto,
multidões enfurecidas
num silêncio centenário.
Soterradas tradições
e sobrados. Quantas vidas
este imenso e funerário
corredor, ao fim, custou?

Um Castelo sepultado:
morto o morro, nada resta.
Quando a festa começou,
todo o povo, deslumbrado,
viu surgir um mundo novo:
novo Rio, enfim moderno –
tropical, nova Paris!

Novo Rio. E quem o quis?
Não aquelas multidões
sob o asfalto soterradas,
esquecidas e humilhadas,
que conspiram, há cem anos,
contra aqueles que hoje as pisam –
na senil, celibatária,

Avenida Rio Branco.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS

Vasta rua. Rua imensa
que se estende, sem ter fim,
sempre em frente, aberta e ardente,
feito chaga em carne viva.

Talhe feito com precisa
arte, por macabro esteta,
jamais cura ou cicatriza:
sempre cresce. E cresce sempre,
ostentando a pele nua
onde, dia e noite, a gente
perde a vida, em agonia,
nessa trilha áspera e bruta.

A MORENA E A CHUVA

Cai a chuva sobre o Rio.
Na calçada, veste branco
a morena inconsolada.

Cai a chuva no vestido.
Dores, prantos e quejandos
varre; e, deles desnudada,

a morena beija a brisa:
não mais chora o moço ausente.

Rega o rosto a chuva fina -
fresca rosa adolescente.

VIAGEM NOTURNA

Silente, no banco do bonde,
se esconde, na noite pesada,
da chuva que cai com vigor.

Segura o chapéu entre as mãos
molhadas; nos bolsos, procura
seu rosto, entre os hórridos rostos

que o fitam. Não há condutor
no bonde em que segue Bernardo
por ruas e esquinas escuras,

e o seu motorneiro, silente,
ostenta um olhar taciturno
em meio ao semblante cansado.

No banco do bonde, Bernardo
suporta seu corpo em quebrantos
na incerta jornada noturna:

não sabe onde vai. Vagaroso,
recolhe, no negro chapéu,
as gotas da gélida chuva.

MARINÊS

Marinês espera, à noite, nas esquinas,
por alguém que nunca chega, nem jamais
chegará – se quando o sol arrosta o beco

dele espanta os visitantes, qual formigas,
como a alguém confiará ela os segredos
se seu rosto só descobre à luz do dia?

Queda, espera – como faz há vinte anos
Marinês, que agora conta trinta e quatro,
mas só quatro ela viveu de desenganos:

toda puta fica esperta muito rápido.

MULATA DE BRANCO

a Ruy Espinheira Filho

Mulata de branco na praia,
na areia, a mulata de branco,
os seios expostos à lua,
tão pura, a mulata de branco
mareia o seu corpo dourado.

Mareia a mulata de branco,
mulata, sereia de branco,
no mar se banhando, tão nua
que a lua, num gesto de espanto,
descobre seu corpo, tão cheia.

Mulata de branco na praia,
serena, a mulata de branco,
deitada na areia, se despe
e à lua se dá. Solidário,
o mar cobre os corpos molhados.

CLEMENTINA

Clementina entrou no bar esbaforida
procurando por Antônio, que saíra
há bem pouco, junto a uma mulher da vida.

Atirou-se pelo chão, desesperada,
Clementina. Uma garrafa de bebida
fez de sua companheira; e a madrugada

a mulher assim varou. Nascendo o dia,
despertou em casa alheia, de ressaca,
nua, na cama do Pedro (o da Maria,

que é a amante do Carlinhos - o “Cachaça”).

CANDELÁRIA

Campo sacro em meio ao sujo
centro desta antiga corte;
templo herético, onde o inferno
medra mais a cada dia;
relicário sempiterno
olvidado pelos anjos,
por Jesus e por Maria.

Tua sombra oculta mortes
triviais, injustas, várias,
massacradas na rotina
dos teus dias. Nunca mais
te abandonará tal sorte,
santa com cara de puta,
deflorada Candelária?

DAMA NOTURNA

Na calçada, rasga a noite,
soberana, a infausta Dama.
Lauta, arrasta em seu encalço
sestro séquito de amantes:
homens, damas e donzelas,
procissão de agonizantes
que, crivados de mazelas
pelo amor - o amor tão falso
dessa impura e infausta Dama -,
vivem vãs e falsas vidas

(porque toda vida é falsa
quando se desnuda a Dama
e se faz Copacabana).

AS MENINAS

As meninas que se esbaldam,
encantadas, pelas ruas,
de tão castas, andam nuas;
de tão belas, vivem fartas.

Diabólicas, mastigam
as manhãs dilaceradas:
estas ninfas invejadas
pelos sóis. E assim, aos gritos,

rompem, com ferais risadas,
os jardins, as ruas, tudo:
aos seus pés, o mundo, mudo,
se desfaz... devassas fadas!

AS NINFAS

Há ninfas escondidas na Mangueira
que, à noite, entre os barracos, se descobrem
e, nuas, tão formosas e fagueiras,

seduzem as estrelas, graciosas –
e a lua afasta as nuvens para vê-las
fazendo a noite toda verde e rosa.

Há ninfas escondidas na Mangueira
que fazem Dioniso delirante
se ao samba se arremessam, feiticeiras,
e ao morro graça trazem – qual bacantes.

A DAMA DA LAPA

Falaz madrugada:
vagando na rua
de espelhos tecida,
a dama vai, nua,
as coxas unguidas
na noite da Lapa.

Vai trôpega, exausta
dos anos vividos
nos sórdidos becos,
hotéis embebidos
dos negros segredos
da Lapa devassa.

Feraz madrugada:
nos becos, um leito
a dama faz. Freme:
traz no frágil peito
a agonia ingente
de saber-se amada.

CALA-TE, IPANEMA!

Caíram. Todos os seis
corpos, cobertos de sangue,
e a árida tarde partiram.

Cala-te, Ipanema!

Todos os corpos caíram:
vastos minutos desertos
deram-se à queda dos mortos.

Cala-te, Ipanema!

Belas morenas de branco
tristes, serenas, carpiram,
sós, seus seis mortos secretos.

Cala-te, Ipanema!

Belas, serenas, de branco,
que, aos mortos seus, exibiram
seus seios nus, descobertos.

Cala-te, Ipanema!

CHICO BRITO

No boteco, Chico Brito sempre espera
por Maria, em frente ao copo de cachaça.
Todo dia. Mas Maria nunca chega.

Sobe Chico a modorrenta madrugada,
os chinelos arrastando, a cara suja,
pro barraco, num recanto da favela.

Chico velho. Todo dia, sem Maria,
ama a pinga, que esta nunca o abandonou.
Esta nunca ele traiu. Nem trairia:

mesmo que voltasse a ter sua Maria.

PRANTO CLARO

No fundo da favela há um pranto claro
que escorre, transparente, entre os barracos
e oculta-se nos trastes nos quintais.

No fundo da favela há um canto fraco
que chora um pranto tímido e alquebrado:
vã súplica aos silêncios sepulcrais

daqueles que, perdidos noutros lados,
não vêem que, entre as linhas dos jornais,
há um tímido e insistente pranto claro -

tão claro que ninguém o escuta mais.

POEMA DO CANAL DO JARDIM DE ALLAH

Veneza dilapidada,
agônica natureza:
canal do Jardim de Allah.
Sem barco ou beleza – nada:
banhistas ou afogados,
suicidas desesperados,
sem moças a suspirar.
Sem nada. Canal sem mar,
sem ondas. Morto. Cansado.
Um corte fatal cravado
que olvida o cicatrizar.

A PIPA

A pipa de Pedrinho se perdeu
num dia em que o verão pintava o céu.
Zombaram – mas Pedrinho não chorou

(embora, no seu peito, contivesse
a angústia de uma multidão aflita).
Voltou pra casa Pedro – sem a pipa

que tantas tardes a fazer gastara.
Como o mais forte estóico, calou, mudo,
a dor. Até que a noite, dama avara,

ao pobre Pedro abriu o abismo absurdo.

A DAMA DA CIDADE

*Dama da cidade,
deusa da alegria:
que felicidade
traz essa Maria!*

Quando a noite medra,
todos os meninos
correm rumo a ela:
saltam, qual felinos,
os muros de pedra
e olham, na janela –

*Dama da cidade,
deusa da alegria!*

Aos olhos sedentos
nela debruçados,
mostra a coxa nua,
mostra os peitos fartos...
que gestos cruentos,
que pose de puta,

*que felicidade
traz essa Maria!*

Vai, Maria santa:
querem teus milagres
esses vis anjinhos;
despe as tuas carnes,
santa feita humana,
Éden dos meninos!

*Dama da cidade,
deusa da alegria:
que felicidade
traz essa Maria!*

DENTRO DA NOITE

(de um conto de João do Rio)

I.

No cálice, a gota de sangue
bailava no leito de vidro.
No meio da noite emplumada,
a pálida dama de negro
trilava uma airosa risada
no quente terraço da Glória.

II.

Os lábios de Elisa feriam
a alvíssima pele enlevada
da que se amparava em seus braços:
os olhos felinos, rasgados
no rosto de triste boneca
buscavam Elisa. Chorava
a etérea e mais lívida musa
que os pés debatia, ferindo
a noite – treva aveludada.

III.

Bacante, feroz e faminta –
nas garras, a débil donzela
fremia – ruidosa felina
a se desfazer em gemidos;
as unhas na carne. Incontidos
sussurros e juras de amor –
Je t'aime, mon chéri... mon amour...
– desfeitos lençóis de loucuras;
e os lábios que os lábios tocaram
abriram-se, róseos, molhados
num inelutável suspiro.

IV.

O corpo deitado. Alvas mãos
de Elisa entre os áureos cabelos
que a noite da Glória douravam;
e um beijo no corpo gelado –
e a púrpura marca sagrando
o corpo da vítrea vestal.

V.

No cálice, a gota:
no cálice,
a gota mais rubra bailava,
no vidro,
uma valsa fatal.

E os risos de Elisa, enlevada,
que aos gritos, carpia a adorada
no leito dourado da Glória.

LÍGIA

Nos seios tão níveos de Lígia
a noite erigiu seu altar;
e o mar, no seu rosto de esfinge,
desfez-se dos rijos rochedos
que em cela o cerravam. E abriu
-se um mundo em seu corpo; e os meninos
que, na argêntea areia, a cercavam,
lançaram-se - e, num gesto impuro,
fizeram, de Lígia, sereia.

JÚLIA

Pesadas pálpebras, o peito arfando,
jazia Júlia.

No seio, as lágrimas faziam leito:
e ela fremia,

roçando os dedos no lençol molhado.

Enquanto a chuva
rasgava a noite e dava-se ao telhado,
Júlia se abria
por entre as dobras do lençol, e arfava,

tecendo o dia.

NA FINAL DE 50

Barbosa, cabisbaixo, se levanta
e segue, a passos lentos, rumo à meta.

Caminha. Numa solidão de asceta,
não vê o mundo em volta. Só a bola

que, morta, jaz na rede, entorpecida.
Barbosa se levanta. Não vê nada,

mas ouve a multidão emudecida.

ABELARDO

Abelardo vai ao largo todo dia
praticar o dom que o seu bom Deus lhe deu.
Com a bola, é ele o Deus – e faz milagres,

coisas que mortal algum jamais ousou
e que, dizem, nem Pelé conseguiria:
até o vento dribla! – e nunca chuta a gol.

Mesmo assim, recebe aplausos da platéia
e moedas, com as quais enche a sacola.
Ah! Trabalha no que gosta, esse Abelardo:

joga bola em pleno Largo da Carioca.

DONA SABRINA DO ORIENTE

Dona Sabrina do Oriente
joga búzios,
joga cartas,
faz voltar pessoa amada,
sabe tudo do tarô.

Dona Sabrina é daquelas
que tudo sabe, e que vê
futuro, passado, presente:
sabe da vida da gente
antes de nos conhecer.

Dona Sabrina é decente:
de tão honesta, a senhora
nem adivinha que agora
sua menina (que mente:
quando se veste pra escola,
vai é se dar por aí),
nas esquecidas esquinas,
foi-se -
num passo,
perdeu-se:
deu-se pro homem errado.

Dona Sabrina, distante,
sente o seu peito apertado.

SETE CRAVOS ATIREI

Sete cravos atirei
quando a vi beijando o mar:

sete cravos. Brancos. Cedo,
no canteiro, entre cem cardos,
eu colhera os cravos. Sete,

sete. Dentre um pesadelo,
feito amarga erva daninha,
que os cercava, eu arranquei:
eis as mãos sujas de sangue.

Sete cravos atirei,
porque a amava. Sem segredo;
não que fosse meu desejo,
mas a amava. E os sete cravos,
alvos – mesmo maculados
pelo rubro dessa mão
 que cavara, ardente, a terra,
 que arrancara, avara, as flores,
 que sulcara, ingente, o medo.

E eu cheguei, de pés descalços,
à áurea praia, esbaforido,
e a flagrei beijando o mar –
seca areia nos meus olhos,
alva espuma no meu peito,
 feito escuna:
 estilhaçado.

Sete cravos atirei
feito dardos, e avistei,
sobre o leito, a rubra espuma:

ondas que se quebrantavam
na salgada água em penumbra.
Sal. E o corpo que boiava.

Só quando a maré baixou,
vi que as flores vicejavam
sobre as dunas encrespadas.

II. Uma história do Carnaval

*Um grande amor tem sempre um triste fim:
com o Pierrô aconteceu assim.*

- Noel Rosa & Heitor dos Prazeres,
"Pierrot apaixonado"

A VOLTA DA COLOMBINA

E a menina renascia. Apaixonada
e ofegante, se entregava aos mascarados
que beijava, com volúpia indisfarçada,

e nos beijos se embebia, e nos abraços,
como se antes nunca houvesse sido amada –
mas havia. Não por poucos. E a menina

que o macio seio dava aos seus devassos,
renascia na Avenida. E sem receios,
dos desejos, noutra, aos poucos, se erigia:

ao sentir que era, por tantos, desejada,
renascia – mas não mais como menina:

da folia deste e doutros carnavais,
renascia, apaixonada, a Colombina.

CONFISSÃO DO PIERRÔ

Desencontrado, vivo. E tão perdido
quanto um desses soturnos foliões
que, ao ver em pó desfeitas as paixões
mais caras, de um só golpe o frágil siso

perdem. E seguem, trêmulos, com riso
na máscara cavado... e as multidões,
berrando marchas, sambas e canções,
enganam... assim pensam. Sem aviso,

me atiro em meio à turba de insensatos,
coberto com douradas serpentinas
que envolvem minhas pernas, meus sapatos...

e sigo tropeçando. As Avenidas
percorro: eu, junto a tantos mascarados
que, como eu, nelas deixam suas vidas.

LAMENTO DA COLOMBINA

Na batucada da vida
foi que se fez o meu fado:
na batucada da vida,
desencontrei-me em paixão.

Na batucada da vida,
eu, serpentina e confete,
fui me perder pelas rimas
pobres de algum folião.

Na batucada da vida,
nunca voltei a dançar:
vi a alvorada esquecida,
bêbada, só, violada.

Na batucada da vida,
abri-me em flor ao morrer:
eu, que me fiz Colombina
cúpida, em dor e prazer.

Ô ABRE-ALAS

Ô abre alas, que ela quer passar,
puxando o povo, à frente do cordão –
ela: a que deixa o povo em polvorosa,
e que, formosa, atíça a multidão;

Ô abre alas, que ela quer passar,
dourada rosa, flor de carnaval,
menina-moça, airosa, a mais garbosa
cria de Baco, nhá do roseiral;

Ô abre alas, que ela quer passar,
sinhá mulata, amiga mais querida;
ô abre alas, deixa vir iaiá,
antes que o tempo enterre esta Avenida.

O CANTO DO ARLEQUIM

Eu, trôpego Arlequim, te beijo e faço
meu leito nos teus lábios: vem, menina,
dormir nos braços desse que te ensina
a ser, viver e amar. Venha, que a chuva
que este teu corpo infante encharca e embebe
jamais há de lavar a áurea saliva
com que eu, na saturnal desta Avenida,
teus seios frescos cubro, e as coxas nuas...
Pra ti, altares ergo nestas ruas:
teu sátiro e consorte, eu, Arlequim,
te fiz, criança, a minha Colombina!

NA CALÇADA, O PIERRÔ COLHEU A ROSA...

Na calçada, o Pierrô colheu a rosa
que chovia, em muitas pétalas desfeita.
Na varanda, ria a airosa Colombina
que sorrindo, soberana, o contemplava:
a que encanta o Pierrô, como nenhuma
encantou, fosse mulher, dama ou menina.

Para as pétalas, nas mãos fez quente leito
Pierrô, que agora as fita, embevecido,
mais altivo que o mais nobre cavaleiro,
qual se fosse, de rainha, um serviçal.
Fecha as mãos e leva ao peito. Comovido,
põe-se a recitar à amada um madrigal –

e não vê que um beijo lança a Colombina
ao funâmbulo Arlequim, que dobra a esquina.

NA MANSÃO DO ESTÁCIO

I.

Lacera a carne a cúpida chibata
e asperge a pele o jorro rubro e intenso.
De quatro – eqüina – geme a ofensa amada:
a máscara na cara oculta o extático
arroubo que na boca se anuncia.
Em volta, os Arlequins apaixonados
à cena assistem. Na mansão do Estácio,
o amor se esquia à estranha luz do dia.

II.

No corpo a Colombina aceita o corte
que a faca do Arlequim, precisa, traça,
com a graça de um perverso carnaval.
Retorce o dorso. Geme. Assim, devassa,
em meio aos foliões, oferta o seio.
Perdida em meio às pánicas paixões,
faz-se em berço de Baco, apaixonada
não por alguém, mas pelo inato enleio.

III.

Lá fora da mansão, na noite fria
do Estácio, asceta, em sestra solidão,
triste, o Pierrô lamenta a negra sorte.
Na branca veste, fere-o, feito açoite,
a rósea marca – o beijo: a Colombina
alí deixou-o. Ouvindo sua consorte
fremir nas trevas, o Pierrô vacila:
não quer mais vê-la. Anseia, antes, a morte.

PASTORINHAS

A estrela d'alva no céu desponta
e, tonta, a pastora vagueia na rua.
Versos não tem. Canções, esqueceu,
desde que aquele que amava partiu.

Vai pela rua. E não vaga sozinha:
é só mais uma dentre as pastorinhas
que, para enlevo e consolo da lua,
todas as noites caminham, silentes,

como num bando de tímidas musas
que, de tão tristes – já que abandonadas –
na ânsia de serem amadas, frementes,
deram-se à estrela – morenas e nuas.

A PIERRETE

Lesta, a esbelta Pierrete
salta em meio às serpentinas:
alva a roupa, feito neve,
flana e flerta entre as meninas --
quem será da Pierrete
a nova amada na Avenida?

Canta e brinca a Pierrete,
leve feito bailarina:
nos cabelos, o confete
cai, qual chuva colorida.
Quem será da Pierrete
novo amor pra toda a vida?

Desconhece a Pierrete
sua incerta e infausta sina,
porque a espera, noutra esquina,
sorradeira e sibilina,
a que a amar ninguém se atreve...
bela e esquiva Colombina!

A PIERRETE (II)

Na calçada, Pierrete encontra a rosa
atirada pela amada Colombina.
Abre as mãos. Recolhe a flor. Serena, roça
suas pétalas, de orvalho umedecidas,
na alva face. Com enlevo e sem pudor,
sente o aroma da morena, doce e fresco,
Colombina, que se foi, tão inclemente,
em seu lábio deixando o sabor de um beijo
que a alma queima mais que o fogo mais ardente.

Pierrete aperta a rosa contra o seio
pubescente, e no seu rosto de menina,
no mais casto e carinhoso dos meneios,
colhe fios de água quente e cristalina.

DOMINÓ

Dominó que, azul e branco,
na calçada, bebe a noite,
traz, no coração, quebranto:

no meio do baile, foi-se,
entre os muitos mascarados,
seu amado. E o Dominó
já não vê mais a Avenida,
nem os carros enfeitados,
nem a vida. Azul e branco
é seu traje; mas, em luto,
veste negro o peito só.

O LAMENTO DO PIERRÔ

Modinhas e canções eu comporia
se o estro me fosse ora concedido.
Mas não o tenho. Frágil, combalido,
entrego a ti lamentos esculpido
por este ourives cego, cujo empenho
nada produz, senão tortas matrizes...
O que estas mãos produzem de imperfeito
inda é bem mais correto que esta vida
que vivo. E, nesse mar de desacertos,
de certo, há só você: farol sublime,
que esta nau guia por mares incertos
e os meus pecados, plácida, redime.

O CARNAVAL DAS MENINAS

a Alexei Bueno

Tantas meninas, vestidas de odaliscas,
bruxas, bailarinas, fadas e que tais,
cantam nas calçadas, abrem Avenidas,
criam, encantadas, novos carnavais;

tantas! – e, sobre elas, a terrível sina
– que também as veste, sob a fantasia –,
de serem, um dia, junto a esta Avenida,
não mais que lembranças do que hoje é folia.

E se essas meninas, hoje saltitantes,
amanhã, mulheres, não mais vestirão
outras fantasias, que não as de amantes,
damas insondáveis, prenes de paixão,

vivas, no entanto, as virgens odaliscas
inda encantarão os cantos da cidade –
até que as deflore a quarta-feira, em cinzas,
e suas fantasias manche de saudades.

A ODALISCA MORREU EM MEIO À CHUVA

A odalisca morreu em meio à chuva.
A odalisca morreu. Ao seu redor,
ninguém viu a passada cega e brusca:
ninguém viu. Não se ouviu nenhum rumor.

A odalisca morreu em meio à chuva.
A odalisca morreu. Na poça fria
sepultada, a criança, seminua,
encolheu-se, na branca fantasia.

A odalisca morreu em meio à chuva.
A odalisca morreu. Era menina.
Na boca, deflorada pela bruma,
deslizava a garoa cristalina.

BALADA DO BATE BOLA

Bate-bola bate a bola,
sai da escola já montado,
mascarado, bate a bola
pronto pra assombrar o mundo:
faz das ruas o seu palco
vira-mundo bate-bola,
vence uma calçada, e outra,
só de um salto; a larga capa
lança, lesto, e ameaça
quem se mete em seu caminho;

Bate-bola bate a bola,
mas jamais parte sozinho:
tem seu bando o bate-bola,
mil e tantos mascarados,
clóvis multicoloridos
que, em impávidas passadas,
Avenidas, aguerridos,
fazem suas: bravas pátrias,
terras que – até Quarta Feira –
não serão mais de ninguém;

Bate a bola o bate-bola,
bate, sem saber a quem
intimida, o bate-bola,
pouco importa: nesta terra
muitos são os inimigos,
e, entre mortos e feridos,
se um qualquer inda restar,
também este o bate-bola
terá, forte, de enfrentar,
e o fará, seja quem for:

porque desconhece o medo
e o perigo o bate-bola.
Sob a máscara, ferino,
toda a dor ele suporta:
sabe da morte os segredos –
e, se morto, um dia volta.

CANTO À COLOMBINA

Ah, Colombina, quem dera
ter-te em meus braços agora!
Mas foste embora. Quisera
eu nunca ter te encontrado...

Ah, Colombina, teus olhos
púrpuras manchas deixaram
nesta minha alma insensata.
Quantas loucuras eu fiz

para arrancar-te os sorrisos
que refulgiam, qual prata,
neste meu mundo tão gris!
Eu - Pierrô de imprecisos

passos, perdi minha vida
nesta Avenida retorta
que Eros um dia traçou.
E o teu andar, Colombina,

feito um farol, me guiou
nesta borrasca infinita...
o que, ao final, me restou?
Um cravo branco - a desdita,

um lírio negro - esta dor...
a rosa - amor que restava,
que, fraca, inda recendia -
esta, contigo ficou...

CANÇÃO DE AMOR DA COLOMBINA

Ah, que encantos, em teus braços,
conheci, meu Arlequim,
tu que foste para mim
uma vida e morte inteira:
um amor de eternidade
numa flébil terça-feira.

Ah, que gozo em teus abraços,
que delícia nos teus lábios,
quanto afeto em teus segredos!
Arlequim, essa malícia,
feita toda dos meus medos,
revelou-me o paraíso:
tendo a ti, não mais preciso
nem de Deus, nem desta vida.

Ah, quem dera! Se eu pudesse
para sempre assim, perdida
no teu corpo, repousar...
Ah, quem dera que eu pudesse,
frágil, frêmita e felina,
toda em ti, só e esquecida,
morrer – por demais te amar.

O PRANTO DO PIERRÔ

Chora, chora, Colombina,
que de mim não resta nada!

Eu, que jurei tanta coisa:
que ia te encher de poesia,
que ia fazer tanta festa,
te enlouquecer de paixão.

Chora, chora, Colombina,
que de mim não resta nada!

Eu, que me achava tão grande,
eu, que me achava tão forte,
eu, que me achava o maior –
resta-me um lenço na mão.

Chora, chora, Colombina,
que de mim não resta nada!

Um dia, achou-me a tristeza:
uma tristeza tão grande,
uma tristeza tão forte
que, por ser tão, tão maior,
me espalhou todo no chão.

Chora, Colombina, chora,
chora, que não resta nada,
nada de mim, Colombina:

restam-me um resto de festa
e uma folia apagada.

A MORTE DO PIERRÔ

Da tinta branca, o que restou? Silente,
inerte e ausente, o Pierrô, caído –
corpo calado, sem rumor ou grito –,
entre confetes jaz, alvo e olvidado.

Enquanto isso, numa outra Avenida,
o vinho seco a escorrer no seio,
desnuda e ébria,
ri a Colombina...

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

E quando a Quarta-Feira enfim chegou
e em cinzas transformou toda a folia,
rasgou, despudorada, a fantasia
que tantos mascarados deslumbrou;

e quando a Quarta-Feira enfim chegou,
fingiu não ver o mais cinzento dia;
e, em meio à rua clara e tão vazia,
cantou marchinhas e canções de amor.

No corpo nu calou toda a tristeza:
deitou-se, doida de melancolia,
na cama de confetes da calçada.

Tigresa, fez da quarta-feira presa:
lançou-se, incontrolável, sobre o dia –
bebeu, sedenta e só, a madrugada.

III.
Três cantos de amor

a L. A.

PRIMEIRO CANTO DE AMOR

Pudesse, eu me faria em mil pedaços
e todos em teu peito deixaria;
sedento rio, eu corro, rumo a ti –
porque és, em minha vida, o único rumo,
Senhora que amei quando cedo vi.

Pudesse, eu me abriria em mil caminhos
e todos aos teus pés estenderia;
centelha, queimo em chama e rubro amor
por ti, que minha vida alenta em estro,
morrer por ti bem posso, alva Senhor,

e morte sem pesar e sem protesto.

SEGUNDO CANTO DE AMOR

És mar bravio. És mundo, imensidão,
em meu deserto, és luz do sol a pino:
és música que encanta. E este menino
a ti pertence; e em ti, é coisa pouca,
não mais do que um vestígio do que outrora
um homem se chamou. E nele, agora,
não há nada de homem, nem de fera:
há apenas uma turva e doce espera
por ti. E por teu corpo. E por tua alma:
Senhora, só teu beijo embebe e acalma
este homem que por ele implora, louco,
e tanto que seu canto é fraco e rouco.

TERCEIRO CANTO DE AMOR

Perdido neste mar de rubras veias,
eu te percorro, feito um turbilhão:
dentro de ti. Teu corpo. Lauta e quente,
és toda a fértil terra onde vicejo,
voraz, revolto rio onde me afogo:
sou teu. E se me sagras com teus beijos,
já não me doma a dor ou o desespero,
e sim o amor que, se me fere e inferna,
me traz também a paz, serena e terna,
que me concede – em ti – repouso fero,
e me lacera, e acolhe, e me sepulta –

em ti: que és berço meu. Meu cemitério,
sou teu. Somente teu. Sem raiva ou luta,
sacrifiquei-me e fiz-me em teu Império.

IV.
Cancioneiro

CANTIGA DE AMIGO I

Nada sei daquelas ondas
que suspiram sobre Vigo;
mesmo assim, com elas choro:
ai, se vistes meu amigo?

Nada sei daquelas ondas
que conspiram em segredo;
mesmo assim, com elas choro:
ai, meu Deus, se virá cedo?

CANTIGA DE AMIGO II

Fontana, partiu o amigo;
fontana, já não o vejo.
Fontana, maior perigo
é não ter na pele o beijo,
porque sem o beijo morro.
Fontana – por Deus – socorro!

Fontana, partiu meu amo,
fontana, só sei sofrer.
Por ele, sedenta, chamo:
quem há de vir me fazer
chorar de paixão e dor?
Fontana, virá Senhor?

CANTIGA DE AMIGO III

Meu amigo é feito uma ave
que meu corpo sobrevoa
e me canta sem cessar.

Meu amigo é feito um tigre
que me rasga, me maltrata,
cala os meus cálidos gritos.

Meu amigo é feito um rio
que, sem margens, corre solto,
e, quando quer, me naufraga.

CANTIGA DE AMIGO IV

Por que assim feriste, amigo,
a que te ama, alucinada?

Por que, ao fim, negaste abrigo
a esta virgo desgarrada?

A que te ama, alucinada,
pelo amor tão machucada?

A esta virgo desgarrada,
do teu corpo, casta escrava?

CANTIGA DE AMIGO V

Amigo já não tenho,
querida já não sou:
se vive meu senhor,
bem longe, me esqueceu.

Não quero mais cantiga,
nem tenho mais amor:
de tanto amar em vão,
meu coração morreu.

CANTIGA DE AMIGO VI

Meu amigo conheceu
o que tenho de mais caro –
mas tem coração avaro
e deixou-me abandonada.

Meu amado conheceu
o que a mais ninguém entrego –
mas seu coração é cego
e deixou-me a madrugada.

CANTIGA DE AMIGO VII

Ondas que do mar
vêm pra me banhar,
viram meu amigo?

Ondas que do mar
ouvem meu cantar,
viram meu amigo?

Ondas que no mar
vivem sem chorar,
levem-me consigo!

CANTIGA DO AMOR MAIOR

Só pra ti, minha donzela
que nos olhos traz o mar,
ofereço este cantar –
mais que as outras belas, bela;

só pra ti, minha pequena
flor morena, tão formosa,
ofereço este cantar –
mais que as outras rosas, rosa;

só pra ti, minha querida,
canto, amiga, este meu canto:
só pra ti quero entregar
meu amor, maior que tudo –
e, por te amar tanto e tanto,
junto ao canto que ofereço,
deste amor faço o meu mundo.

TRÊS BARCAROLAS
(revisitadas)

a Stella Leonardos

I

Na capela, sozinha, eu esperava
por aquele que outrora me adorava.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

Na capela, esperava, enquanto o mar
sem demora, ansiava me abraçar.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

Por aquele que outrora me adorava,
eu aguardava, e às águas me entreguei.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

Sem demora, ansiava me abraçar
o alto mar. Na alva espuma me deitei.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

Eu aguardava, e às águas me entreguei:
seus lábios me beijaram, tão salgados.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

O alto mar. Na alva espuma me deitei,
e do mar fiz o meu sempiterno amado.

*Esperando o meu amigo,
e virá?*

II

Ondas do mar de Vigo,
verei eu meu amigo?

Ai Deus, voltará cedo?

Ondas do mar levado,
verei eu meu amado?

Ai Deus, voltará cedo?

Verei eu meu amigo,
por vós longe colhido?

Ai Deus, voltará cedo?

Verei eu meu amado,
por vós longe arrastado?

Ai Deus, voltará cedo?

III

Na ribeira do rio
vi partir o navio.
Eu, só, na ribeira.

Na ribeira, do alto,
vi partir o teu barco.
Eu, só, na ribeira.

Vi partir o navio
contigo, meu amigo.
Eu, só, na ribeira.

Vi partir o teu barco
e perdi meu amado.
Eu, só, na ribeira.

Contigo, meu amigo.
Por que foste no barco?
Eu, só, na ribeira.

E perdi meu amado:
é meu pranto este rio.
Eu, só, na ribeira.

CANTIGUINHAS DA AMIGA

I

Ai menina, quanta espera
nos recantos desta terra,
nos volteios deste mar.

Não mais sabe o seio amar
encantado assim, perdido.
Se amanhã não vem amigo...

– Ai vontade de chorar!

II

Ai menina, quanto anseio,
quanto adeus na areia fria!
Lança ao mar o triste dia,
canta às ondas a cantiga:

*– Vai ao mar, gaivota amiga:
leva os prantos, longe voa...
que meu peito não perdoa
nem esquece a despedida.*

III

Ai menina, quanto medo,
quanta lágrima aquecida;
tira a mecha do cabelo,
joga ao vento. Deixa a vida,
que essa noite que se arrasta
em teu rosto é vasta e escura:

que o amor que ainda conservas
é uma senda pra loucura.

Novos poemas
(2006-2007)

AS TRÊS MOÇAS DA PRAIA

I. A moça que amava

A moça que achei na praia
chamava-se Miramar.
Tinha os olhos cheios d'água –
água verde, água salgada –
e alva espuma sobre os seios.

Nunca beijei Miramar.
Sempre negou seu amor
a todo corpo de carne:
só se entregava às estrelas
róseas do fundo do mar.

II. A moça que chorava

A moça que achei na praia
tinha o corpo cor de areia
e de areia um par de asas
e queria beijar o sol;
mas, se tentava voar,
as asas se enegreciam
e os pés, nas algas envoltos,
tremiam de raiva e dor.

Triste, nas pedras, chorava.

Vendo cair na água o pranto,
todos os peixes de prata
vinham sentir seu calor.

III. A moça que sonhava

A moça que achei na praia
tinha estrelas nos cabelos
e ciúmes do luar.

À beira do mar revolto
deitada, deixava a chuva
molhar sua tez dourada.

Com os pés esticados n'água
e a areia a roçar-lhe os dedos,
deixava-se adormecer;

gaivota que a visse assim,
nos áureos seios pousada,
seus sonhos lançava ao mar.

O LEDOR DE ESTRELAS

a André Seffrin

Que era louco se dizia –
pois vivia sob a ponte
desde os tempos esquecidos;
com seu saco de papéis –
cartas velhas e jornais,
almanaques e revistas –,
via os dias a passar;
quando davam-lhe comida,
se fartava; quando não,
não pedia – suportava
no silêncio a fome seca.
Mas vivia: os olhos presos
aos papéis embolorados,
aos rasgados almanaques,
às revistas e aos jornais.
Que era louco se dizia –
porque não sabia ler.
Mesmo assim, quedo e silente,
via as tintas inefáveis,
as palavras sibilinas,
anfigúricas, fatais.
Quando à noite, repousava
no colchão dos seus papéis,
lia sempre, distraído,
entre as linhas das estrelas,
o segredo de outros dias
que sequer eram nascidos:
quem havia de chorar,
de nascer e de morrer,
de casar e de brigar,
de ganhar ou de perder –

tudo isso ele entendia
(e quem sabe se por medo
ou por lerem muito pouco
é que tantos insistiam
em dizer que ele era louco).

O ROSTO DE ROSALÍA*

A máis concluinte proba de que o aspecto físico de Rosalía defrauda a espeitación, dana os artistas que, dempóis da morte da escritora, vironse obrigados a se enfrentar co problema da súa representación plástica. Un retrato realista ofrecería á devoción popular un rosto feo, que non facilitaría a idolatría. (Carballo Calero)

Rosalía, qual é o rosto
que tua alma quis vestir?
Onde está tua beleza
que já não me deixam ver –
escondida nos desenhos,
nos retratos desbotados,
nas efígies rasuradas...

Rosalía, a face rude
que descubro me revela
o que foste: nos teus traços
labirínticos se oculta
a beleza – qual se abriga
a poesia nas montanhas,
rudes terras da Galiza.

*Publicado em *Poetas con Rosalía II* (Santiago de Compostela, 2007).

A QUE A ALMA ME CATIVA...
(sobre um poema de Noriega Varela)

A que a alma me cativa,
a que a inspiração me exalta
não é terra, nem montanha:

é somente uma menina
que o meu mundo todo aviva
quando a vida faz-se exausta.

A SÍLFIDE (E O MALANDRO)

a *Eliana Caminada*

A menina que dançava nesta rua?
Já faz anos que deixou este lugar.
Vinha à noite. Sempre bela, às vezes nua,
e dançava assim, coberta de luar.

Era airoso: a pele clara, o porte altivo,
não tocava a sapatilha na calçada –
flutuava! Com seu jeito meio esquivo,
era duas: meia moça, meia fada.

Mas um dia – diz o povo – ela bailava,
e um malandro, o Pedro Cobra, apareceu.
Mal podendo acreditar no que visava,
de tão bela a que dançava, ele irrompeu

num arranque, se atirou pra cima dela,
e envolveu-a com seu branco paletó.
Assustada, ela gemeu. Tremeu. E aquela
que jamais roçara os pés no sujo pó

das calçadas, acredite: ela caiu –
o alvo corpo na calçada enregelada.
O malandro aproximou-se; ela fugiu,
mas tão fraca estava! Foi logo alcançada

pelo Cobra, que abraçou-a; e ela, inerte,
se deixou desfalecer, a suspirar.
Já não era a bailarina, outrora alegre:
era um corpo já cansado de dançar.

Ao ver que ela fenecia, um grito amargo
pela noite o Cobra, súbito, lançou;
e enlaçando-a junto ao seu peito mulato,
enlutado, em meio à praça ajoelhou -

e não viu, em meio a prantos tão pungentes,
junto às mangas do seu branco paletó
no chão fétido da Praça Tiradentes,
um par de asas, tenras e alvas qual filó.

NA MORTE DE MARINA MONTINI

A musa mulata morreu.

Seus olhos, distantes das telas,
num âmbar opaco, fitavam
um mundo que, triste, chorava
o encanto que nunca esqueceu.

A musa mulata morreu.

De um cobre de curvas tão belas
que à noite, entre estrelas, brilhavam;
que os olhos da noite encantavam,
que a noite do Rio perdeu -

a musa mulata morreu.

AO GENERAL DA BANDA

De nobre estirpe, o General da Banda
conduz, solene, com seu riso largo,
este cortejo que acompanha as marchas
e que as entoa como ditirambos:

não mais Otávio Henrique de Oliveira,
“nome de pobre” – como Valdemar:

à nobre raça pela arte sagrado,
Blecaute: aquele cuja voz rasgada
fazia eterna a Gorda terça-feira.

ACRÓSTICO

Longa foi a espera,
ingrata a solidão;
no entanto, chegaste
a mim e aos braços meus.

Agora, em ti somente
razões posso encontrar:
a mim te trouxe o Amor –
o Amor que me fez teu.

DESCRIÇÃO DA ROSA

São pétalas unidas como amantes
em doce e rósea dança rebuscada,
embora sem razão – por esse nada,
no entanto, se entretocam, desejan

de si. E se assim dançam, qual bacantes,
é na ânsia da estrutura cobiçada:
o apuro da corola, edificada
no espaço da infecunda ausência dantes.

É o talo que sustenta a copa austera,
no extremo equilibrada, feminina,
e sôfrega pela haste sempre à espera:

na formação da rosa, fescenina
se faz, ano após ano, a primavera –
da natureza, a flor mais libertina.

CANTO PARA GARCÍA LORCA*

*¿Si el azul es un ensueño,
qué será de la inocencia?
¿Qué será del corazón
si el Amor no tiene flechas?*

*¿Y si la muerte es la muerte,
qué será de los poetas
y de las cosas dormidas
que ya nadie las recuerda?
(Federico García Lorca, “Canción otoñal”)*

I.

Não foste um poeta. Mais que isso,
foste o cantor deste sangue
que tanto bebeste da terra.

Não foste um poeta: gritaste
um canto que, rubro, ressoa
nos corpos dos áridos rios
que correm ardentes, revoltos,
nesta ânsia de ti –
tua espera.

II.

Não foste assassinado pelo céu,
não foste afogado ou te precipitaste
do alto de algum abismo branco;

* Publicado em coletânea editada por Xesús Alonso Montero em memória dos 70 anos de assassinato de Federico García Lorca (Santiago de Compostela, 2006).

não foste alvejado por flechas sedentas
de uma paixão desejosa de eternidade,
nem tombaste cravejado de dardos cristalinos
lapidados por dedos ferozes
e abundantes de lirismo –

não foste assassinado pelo céu.

Não foste arrastado como um animal para o cativeiro
nem tiveste teu peito rasgado pelas garras enegrecidas
daqueles que dele queriam arrancar toda a poesia –

não foste exilado de ti,
não foste encarcerado numa jaula escura
com o peito vazio de versos
e com a alma repleta de angústia –

não foste atirado na cova seca
aberta por abutres infectos com seus dentes arreganhados
para ser devorado pelos vermes que chamavam de filhos
e que traziam nos seus ventres imundos
as migalhas da esperança.

III.

– mas não puderam arrancar dos teus ossos
este amor que te habitava e em ti corria como sangue
e com o qual regaste a terra.

Hoje, de ti, brotam pássaros
que insistem em bater as frágeis asas
neste céu que nunca mais se fez azul

(e alguém que grita teu nome
cambaleia pela noite, sem rumo,
e suplica por amor pelas calçadas)

Não vives distante: eu te vejo,
tecido teu rosto no orvalho
que nasce na noite, em segredo -

não vives distante: eu te escuto
à noite, se há canto de estrelas:
teu sangue, vermelho, ainda canta -

teu sangue ainda corre no mundo.

Alguns comentários

[Um poeta] dos mais importantes de sua geração ... o carioca Henrique Marques-Samyn (1980), autor de "Poemário do desterro", de 2006, poeta de grande domínio formal e de uma visão muito centrada na ambiência e na história do seu Rio de Janeiro natal.

Alexei Bueno, em *Uma história da poesia brasileira* (Rio de Janeiro, 2007)

[Henrique Marques-Samyn] emergiu por sua singularidade com poemas sobre figuras tradicionais do Carnaval - tema paradoxalmente pouco explorado entre nós... Quem diria?! Henrique é uma feliz exceção, fugindo do óbvio e do clichê, mas sem medo da tradição e dos recursos literários à antiga, que atualiza com mestria. Os poemas revelam pesquisa, sem descambarem para o documental; em que desfilam figuras populares sem folclorismo. E o autor surpreende por ser tão jovem, por abordar os temas sem ranço e saudosismo.

Antonio Miranda, *Portal de poesia ibero-americana*

Entre tantos nomes importantes e tendências polêmicas, há ainda três estréias promissoras. Henrique Marques-Samyn, com "Poemário do desterro" (Fábrica de Livros), circula em amoroso convívio por ruas, seres e carnavais do Rio de Janeiro. É um poeta da cidade do Rio, como o foi outrora Mário Pederneras. E não à toa encontra em João do Rio o motivo para um de seus melhores poemas, "Dentro da noite". Às vezes lhe falta espontaneidade (talvez caminhe demasiadamente preso à métrica e à tradição), no entanto, não anda distante do frêmito da vida.

André Seffrin, "Alguma poesia brasileira" (*Gazeta Mercantil*, março de 2006)

Ousado e delicado, cultíssimo e cheio de frescor, inquieto, inquieto, inquieto, aprendendo para desaprender, com uma pureza de forma, de sabedoria e de tudo ... um dos livros mais bonitos que li ultimamente.

Marco Lucchesi

